

**“ESTA TERRA EM QUE NASCI, JÁ NÃO É MAIS A MESMA”:  
BREVE ANÁLISE DE CRÔNICAS DE ANTONIO ALVAREZ PARADA  
SOBRE A CIDADE DE MACAÉ**

Alice Ferreira Tavares<sup>1</sup>

**Resumo:** A cidade de Macaé, no norte do Estado do Rio de Janeiro, experimentou diversas transformações nos últimos quarenta anos a partir da instalação da empresa de exploração de petróleo, Petrobras, em 1978. O memorialista e professor macaense Antonio Alvarez Parada, o Tonito, publicou inúmeras crônicas, entre 1978 e 1985, em diversos jornais da cidade sobre este acontecimento e suas consequências na vida cotidiana dos moradores, refletindo como a nova cidade que se configurava se contrapunha à antiga cidade de Macaé. Neste trabalho, através das crônicas nas quais o autor utiliza suas memórias individuais, proponho uma análise da visão do autor sobre a cidade através dos conceitos de identidade cultural e espaço de Stuart Hall, Milton Santos e Doreen Massey.

**Palavras-chave:** Identidade; Espaço; Macaé.

## INTRODUÇÃO

No final do século XX, a cidade de Macaé, no norte do Estado do Rio de Janeiro, até então apelidada como Princesinha do Atlântico, passou a ser chamada de capital nacional do petróleo. As transformações vivenciadas pelos moradores da cidade, iniciadas há 40 anos, como aumento populacional em decorrência da migração e a consequente introdução de novos modos de viver, abriram caminho para a construção de novas identidades no território macaense.

O apelido, Princesinha do Atlântico, vindo da primeira metade do século XX, quando a cidade era frequentada por veranistas da região norte fluminense e demonstrava potencial para o turismo de lazer, não mais comportava a nova cidade que se construía a partir do final da década de 1970, quando a empresa de exploração de Petróleo, Petrobras, ocupou o porto na Praia de Imbetiba na região central da cidade.

O município de Macaé, criado em 1813, passou por diversos ciclos econômicos como o do café, da cana-de-açúcar e, finalmente, o ciclo do petróleo que se estendeu até a primeira metade da década de 2010 quando entrou em crise, entre os anos de 2014 e

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: alice\_tavares@id.uff.br

2015. Naquele momento, a cidade contava com 234,628 mil habitantes, sendo 10% de estrangeiros. A crise fez os valores arrecadados por meio dos royalties, por exemplo, diminuir drasticamente e o número de empregos perdidos somente entre novembro de 2014 e novembro de 2015 foi de 8.835 mil vagas. Neste trabalho irei me concentrar nos anos próximos à instalação da Petrobrás.

Assim, proponho discutir a percepção de mudança e descontinuidades ocorridas na cidade de Macaé, a partir da instalação da empresa Petrobras e nos anos seguintes, em relação à identidade cultural macaense. Para isso, utilizarei artigos publicados em jornais, entre os anos de 1978 e 1985, pelo memorialista macaense Antonio Alvarez Parada, popularmente conhecido como Tonito, onde este apresenta sua visão sobre o tema e sobre as consequências da instalação da petrolífera a partir da década de 1970. Neste trabalho, escolhi utilizar os artigos publicados em jornais que trazem uma perspectiva pessoal do autor ou quando uma memória pessoal é o fio condutor do artigo. Em sua obra Tonito faz uma divisão entre a Macaé existente antes da Petrobras e a Macaé surgida após a chegada da empresa.

Dessa forma, recorrerei aos conceitos de evento apresentado por Milton Santos para tratar da instalação da Petrobras como um marco que gerou novas possibilidades de cidade, o conceito de identidade cultural na pós-modernidade, de Stuart Hall, no intuito de entender a dinâmica da construção das identidades no mundo pós-moderno, e o conceito de espaço resultado das inter-relações apresentado por Doreen Massey, além de trabalhos de pesquisadores que estudaram tanto a cidade Macaé como a produção de Parada.

## **TONITO, MACAÉ E A IDENTIDADE CULTURAL**

Antonio Alvarez Parada, nascido em Macaé no ano de 1925, foi jornalista, memorialista e professor de matemática, química, física e espanhol em diversas escolas da cidade. Autor da poesia que posteriormente se tornou a letra do hino oficial do município, mantinha em sua casa, junto a documentos pessoais e álbuns de fotografia, uma coleção de documentos e jornais datados dos séculos XIX e XX relacionados a história da cidade.

Tonito publicou crônicas, artigos e efemérides em jornais macaenses como o *Jornal da Cidade*, *O Debate* e *O Rebate* e no jornal niteroiense *O Fluminense*, no qual publicou um total de sessenta e sete crônicas. Parada publicou cinco livros em vida: *Coisas e Gente da Velha Macaé* (1958), *ABC de Macaé* (1963), *Histórias da Velha Macaé* (1980), *Imagem da Antiga Macaé* (1982) e o livro voltado para o público infantil, *Meu nome crianças, é Macaé* (1983), este último patrocinado pela Petrobras. Após sua morte, em 1986, foram publicados os livros *Histórias Curtas e Antigas* (1995) em dois volumes que contém mil verbetes escritos pelo autor e publicados originalmente no jornal *O Debate* em coluna de mesmo nome e, além deste, dois livros organizados pela Prefeitura Municipal de Macaé por meio da extinta Subsecretaria Municipal de Acervo e Patrimônio Histórico, que reúnem crônicas também publicados em jornais: *Cartas da Província* (2006) e *Antonio Alvarez Parada: O fio de uma história* (2007).

No artigo intitulado *A memória macaense* (1980), Tonito, diz que se tornou, por diversos caminhos, depositário de numerosos documentos do passado macaense. Neste texto perguntou-se sobre sua curiosidade acerca da história da cidade já que nunca havia tido interesse em história e afirmou que a atividade se tornou uma mania cujo motivo não compreendia exatamente:

[...] talvez bairrismo, talvez mera curiosidade mesmo, talvez vontade de trilhar caminhos percorridos por bem poucos, antes. Compreendendo ou não, em sua plenitude, os motivos de impulso, o fato é que mergulhei nas águas do assunto e nelas, gostosamente, estou imerso até agora.” (PARADA, 1980)

O historiador Paulo Knauss (2011), ao escrever sobre a identidade cultural macaense descreve Tonito como o mais célebre dos historiadores memorialistas de Macaé. Knauss ao afirmar a importância da historiografia memorialística para a construção de uma história local, cita um trecho inicial do texto *Macaé: ontem, hoje, amanhã* (19--), no qual Tonito diz que a região de Macaé sempre foi indiscutivelmente bela e conclui que esse trecho “define a perspectiva afetiva e sagrada da história-memória, um tipo de historiografia que se caracteriza também pela ênfase num passado perdido e saudoso, que busca reconstituir os fios de uma história mais sentimental que analítica” (KNAUSS, 2011). Esse caráter “sentimental” pode ser visto em toda obra de Tonito que frequentemente utiliza suas próprias memórias e experiências para tratar das transformações da cidade.

A pesquisadora Larissa Frossard (2006) em sua dissertação de mestrado estudou o arquivo pessoal de Parada e a relevância de sua produção intelectual para a preservação da memória e história de Macaé e apontou que Tonito teve importância para cidade tanto pelo esforço de reunir, guardar e organizar registros, quanto por sua produção jornalística e bibliográfica que buscava a preservação da memória da cidade em um trabalho constante contra o esquecimento. A cidade que Tonito descreve nas obras discutidas neste trabalho é reconstruída diversas vezes através de sua memória individual que contrapõe à cidade violenta e desorganizada que surgiu após a empresa, à cidade onde podia-se andar tranquilamente pelas ruas, todos os moradores se conheciam, as praias eram calmas, seguras e o transporte mais utilizado era a bicicleta.

Tonito narra uma cidade dividida temporalmente entre a cidade de antes e a cidade existente depois da chegada da Petrobras. Em sua obra, o autor escreveu sobre diversos momentos históricos, diversos ciclos econômicos da cidade, mas fez uma nítida divisão temporal onde os momentos ocorridos antes da instalação da empresa se tornam um único bloco. Como um exemplo deste direcionamento cito os próprios títulos de seus livros que enfatizavam o que chamava de Velha ou Antiga Macaé: *Coisas e gente da Velha Macaé*, *Histórias da Velha Macaé*, *Imagens da Antiga Macaé* que em seus conteúdos traziam uma sorte de histórias que se localizavam desde o século XVI, quando o primeiro viajante chegou às terras que se tornaram Macaé até a primeira metade do século XX. No artigo escrito em 1985, intitulado *Parafraseando o Mestre Lamigo*, Tonito, em uma análise dicotômica, lamenta tanto a perda da cidade do passado quanto a cidade do presente que pode não possuir lugar para os macaenses e diz:

Esta terra em que nasci, já não é mais a mesma. Não sei se por descuido político-administrativo, se por desinteresse de nós macaenses, ou até mesmo se por praga - culpa do Motta Coqueiro<sup>2</sup>? - o fato é que no passado, Macaé foi mais reluzente e próspera. Hoje temos Petróleo, aeroporto, novos bairros, muitos hotéis, a cidade cheia de estrangeiros, parece que o tão desejado progresso, com o qual os macaenses do passado tanto sonharam, chegou. E eu fico a me perguntar: onde os macaenses? (PARADA, 1985)

Nos artigos de Tonito as transformações do espaço estão fortemente ligadas ao próprio ser macaense afetando sua identidade. Dessa forma, ao ter o seu espaço

---

<sup>2</sup> Motta Coqueiro foi fazendeiro em Macaé e ficou conhecido como o último condenado à pena de morte no Brasil. A lenda de Motta Coqueiro diz que antes de ser enforcado, em 1855, o condenado teria jogado uma praga na cidade que ficaria cem anos sem progresso.

modificado, o lugar do macaense é questionado. Haveria lugar para os macaenses nessa nova configuração de cidade? Após este questionamento, citado no trecho acima, Tonito enumera diversos grupos que constituíram historicamente a cidade e que seriam, para ele, os macaenses: os indígenas do povo Goitacá, habitantes originais da região; os jesuítas, primeiros a estabelecer fazendas na cidade; as famílias tradicionais; os descendentes de pessoas escravizadas que desembarcaram no porto de Imbetiba, o maior porto de desembarque do norte fluminense; o Carukango, líder de um quilombo criado na região serrana da cidade; Motta Coqueiro, fazendeiro da cidade condenado à forca pelo assassinato de uma família no século XIX; imigrantes de variadas nacionalidades, dentre outros e finalmente pergunta: “onde a minha Imbetiba? - minha e de Detinha<sup>3</sup> - com sua água gostosa, sua areia quente, seu grande hotel Balneário, hoje tão depredado, mas que quando de propriedade do campista Lamego, foi tão bem frequentado?” (PARADA, 1985)

A Praia de Imbetiba foi o primeiro lugar da cidade de Macaé onde puderam ser vistos e sentidos os efeitos da instalação da Petrobras no espaço urbano. A praia, localizada na região central, abrigava um pequeno porto e as oficinas da companhia ferroviária Leopoldina Railway ocupadas pela Petrobras, era a praia frequentada por Tonito e seu círculo familiar e social. Importante ressaltar que, certamente, não era a praia mais frequentada por todos. Tonito era integrante de uma família de imigrantes vindos da Espanha considerada tradicional e prestigiada na cidade. Stuart Hall (2020) ao falar sobre cultura nacional e identidade cultural afirma que “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-las em uma identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.” (HALL, 2020). Guardadas as devidas proporções entre o nacional e o local, é certo afirmar que Tonito não falava por todos os moradores e sim de seu próprio lugar e através de seus próprios olhos. Na dissertação de mestrado *A cidade plataforma: memória e identidade em Macaé* (1997), a pesquisadora Silvana Vargas, realizou entrevistas com moradores locais contemporâneos de Tonito, onde uma das pessoas entrevistadas afirma que a Praia de Imbetiba era frequentada pela

---

<sup>3</sup>Maria Bernadette Almeida Castro Alvarez, a Detinha, foi esposa e guardiã de seu acervo de Antonio Alvarez Parada.

classe alta e as pessoas mais simples frequentavam a prainha do Forte, localizada próxima a praia de Imbetiba, porém mais próxima do centro da cidade.

A instalação da empresa em 1978 foi um marco para a cidade e pode ser tratada como um evento que modificou e permitiu novas possibilidades de futuro e rumos para a cidade de Macaé. Em *Natureza do Espaço* (2006), ao apresentar o conceito de evento para a geografia, Milton Santos, destaca a diferença entre eventos naturais (raios, terremotos, chuvas) e eventos sociais ou históricos, afirma que o evento é sempre novo e possibilita uma nova história, dissolvendo e transformando as identidades:

um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo. (SANTOS, 2006)

Na crônica *A Reabertura do Porto de Imbetiba* (1978) Tonito demonstrou surpresa em relação à instalação da empresa no local onde ficavam as antigas oficinas da Leopoldina Railway, na Praia de Imbetiba, dizendo ter ouvido falar sobre a possibilidade de uma grande empresa se instalar na cidade com a construção de um novo porto e perguntou-se, sem resposta, qual seria o produto a ser explorado. Diante da notícia confirmada, afirmou:

Aí estourou a notícia: a Petrobras ficaria com a área das oficinas da Leopoldina em Imbetiba, oficinas em agonizante estágio de existência. E, em consequência, no local iria ressurgir o porto de mar, após a feita de obras essenciais, como um terminal de apoio à extração do petróleo oceânico. Logo a notícia virou realidade e quando você nos visitar, João, irá comprovar com seus próprios olhos que a praia de Imbetiba, a sua, a minha, a nossa Imbetiba, já era. Está em outra, meu caro [...] (PARADA, 1978).

Tonito era professor da escola do SENAI, conhecida como escola dos ferroviários que capacitava a mão-de-obra local para o trabalho na ferrovia e a confirmação que a Petrobras iria utilizar a área da praia, em um prolongamento do porto e ocupar as oficinas da ferrovia fez Tonito decretar o fim de um tempo e o fim de um espaço. Milton Santos, ainda sobre evento diz: “Por isso, a cada novo acontecer as coisas preexistentes mudam o seu conteúdo e também mudam sua significação.” (SANTOS, 2006). Apesar de continuar a existir fisicamente, a Praia de Imbetiba seria outra, abrigaria outras e novas funções, portanto “já era” daquela forma como era

conhecida e da forma como as pessoas se relacionavam com aquele espaço, assim como ocorreria em toda a cidade a partir daquele momento.

Doreen Massey (2000) aponta que existe uma contraposição entre as comunidades homogêneas e as fragmentadas dos dias de hoje onde é raro coincidirem lugar e comunidade: “Mas, de qualquer forma, a saudade eventual de uma tal é um sinal de uma fragmentação geográfica e da ruptura espacial do nosso tempo”. (MASSEY, 2000). Sobre este aspecto podemos citar esta fala de Tonito:

Embora nem tanto em anos, muito mais na lembrança e na saudade, longe está o tempo em que era fácil circular nas ruas de Macaé. Fácil e despreocupante. Poucos eram os automóveis e caminhões, mas carroças ciscavam em toda parte. Motocicletas contavam-se nos dedos. Ônibus urbanos era espécie representada pelo chocalhante defensor da empresa que a ironia popular batizou de Viação Gaturamo. Senão de forma total, ao menos majoritariamente, as rainhas das ruas eram as bicicletas. Lembram-se da saída do trabalho nas oficinas de Imbetiba, na hora do almoço ou no final do expediente? Hoje é o que se vê. Balbúrdia, desrespeito e perigo estão no cardápio diário de quem, senão põe os próprios pés, coloca as rodas de seu veículo no emaranhado vaivém da dita urbe macaense. (PARADA, 1985)

Para Massey (2000), o espaço é um produto de inter-relações, como uma esfera de possibilidades de multiplicidades que está sempre em construção. A cidade de Macaé sofreu o impacto da chegada de uma empresa que trouxe milhares de outros empreendimentos e teve sua população aumentada de forma exponencial nos anos seguintes passando de sessenta e cinco mil habitantes no final da década de 1970 para duzentos e sessenta e um mil habitantes atualmente, o que inaugurou um novo período na cidade ao mesmo tempo em que a fragmentação das identidades culturais e do espaço demonstra ser sintoma da pós-modernidade. Para Stuart Hall (2020):

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2020)

Para Hall (2020), a identidade cultural é definida como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento”” (2020). Esse pertencimento pode estar ligado a diversos aspectos da vida do indivíduo como as “culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (2020). Tonito evocava sua

relação de pertencimento com a cidade através de memórias de atividades que permeavam seu cotidiano. No artigo intitulado *Sessão Colosso* (1985), Parada escreve sobre um encontro com um amigo de infância que relata uma sensação desagradável por não mais se sentir em casa quando estava em Macaé, posto que não reconhecia mais as pessoas que estava nas ruas quando andava pelo centro da cidade. Tonito continua o texto descrevendo as sessões de um cinema existente na cidade, o cine Teatro Taboada, a programação e o próprio cinema, suas cadeiras, frisas, os doces vendidos no local em seu tempo de infância, destacando a chamada Sessão Colosso. Tonito encerra dizendo: “Em minha memória ainda estão, bem vivas, as Sessões Colosso. Sacudindo a saudade de um tempo em que a saudade ainda não havia tido tempo para criar-se em mim.” (PARADA, 1985).

Ao lembrar das brincadeiras nas ruas, dos amigos de infância, Tonito relembra as árvores que afirma terem existido na região central da cidade e faz uma descrição da localização das espécies e atribui a não existência delas ao preço que é necessário ser pago em nome do progresso: “Preço que pagamos ao tempo-progresso que as derrubou. E ao tempo - tempo que por nós passou. Ambos irremovíveis, ambos já com a naftalina do passado embotando cheiros gostosos de frutas maduras e folhas verdes” (PARADA, 1985). Finalmente, em um dos últimos artigos publicados por Tonito, em dezembro de 1985, antes de seu falecimento ocorrido três meses depois, o memorialista desgostoso pelo tratamento dado à memória dos ferroviários macaenses, ao se assumir como, por vezes, um saudosista, pergunta se não existiria mal em ser um saudosista e em seguida responde:

Creio que sim, se o saudosismo, superestimando o passado, levar à sistemática rejeição do novo pela simples razão de ser novo. Enclausurado na vivência das recordações, À procura do tempo perdido, o saudosista dessa estirpe atinge posicionamento doentio numa espécie de xenofobia novidadeira, algo na base daquela manjada proclamação de “no meu tempo é que era bom!”. O saudosismo, porém, pode ser menos radical, fugindo ao rígido conceito de dicionário. Poderia estimar o passado- não o superestimando- sem ser preconceituoso em relação ao presente nem antecipadamente hostil ao futuro, filho desse presente. Pretendo encaixar-me nesta [...] (PARADA, 1985)

Para Tonito a identidade, a memória e a história macaense precisavam ser estimuladas, registradas, resgatadas e reafirmadas constantemente visto que estavam em perigo ou, em crise. Porém, para Hall, além do mundo pós-moderno, os indivíduos se

tornaram também pós-modernos para quem “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2020). Assim como em outros lugares, a partir da descontinuidade causada pelo impacto da instalação da Petrobras a partir de 1978, a cidade, inserida em um contexto global e globalizado, entrou em nova era em constante disputa entre antigas e novas identidades culturais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Antonio Alvarez Parada teve seu trabalho reconhecido através de publicações póstumas, homenagens oficiais e por ser referência para elaboração de inúmeras teses, dissertações e outras publicações científicas sobre Macaé. A inquietação de Tonito em ter se tornado um saudosista, demonstra um receio em relação às possibilidades do futuro, em relação ao que é novo e do que estaria por vir para a cidade. Ao mesmo tempo, a preocupação em guardar e preservar a memória da cidade, demonstra o medo do esquecimento do passado, dessa forma, o memorialista não somente colecionou fontes, mas criou sua narrativa sobre a cidade e empreendeu diversos esforços para fortalecê-la.

O acervo reunido por Tonito foi mantido por sua esposa, Maria Bernadette, até o seu falecimento no ano de 2015. Detinha, como era conhecida, manteve o gabinete de Tonito intocado com seus livros, jornais, encadernação, álbuns, anotações e ainda livros inéditos organizados pelo autor e atendia pesquisadores que buscavam consultar fontes sobre a cidade e sobre Tonito. Após a morte da viúva, a casa, não diferente de outros imóveis antigos do centro da cidade, foi vendida, demolida e transformada em estacionamento de carros.

Através da produção de Tonito é possível vislumbrar como ocorreu aos olhos de um morador local a chegada da Petrobras em Macaé. Em princípio, o susto e o lamento por perder o espaço não somente da praia de Imbetiba, mas também de toda região central que foi imediatamente objeto de especulação imobiliária, onde parte dos macaenses, incluindo ele, vivenciou seu cotidiano. Depois, a dúvida ao questionar se não seria esse o tão aguardado progresso que esperavam os macaenses de antigamente. Neste ponto, Tonito não se inclui, eram os outros que queriam este progresso.

## REFERÊNCIAS

- CAUTIERO, G; FRANCO, C. V.; TAVARES, A. (org). Relatos e Personagens na História de Macaé. Macaé: Prefeitura de Macaé, 2014.
- CRUZ, Larissa F.. Convites à Leitura: uma análise dos elementos intermediários que compõem as obras de Antonio Alvarez Parada. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. Niterói. 2009. Disponível em: [http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii\\_pdf/Larissa\\_Frossard.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Larissa_Frossard.pdf) .Acesso em: 11 mar. 2021.
- \_\_\_\_\_. Mosaico de uma vida: estratégias de preservação da memória no arquivo pessoal de Antonio Alvarez Parada. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_o\\_bra=100862](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_o_bra=100862) Acesso em: 12 mar. 2021.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- KNAUSS, Paulo. Macaé: Usos do passado e sentidos da história local. In: AMANTINO, M.; Engemann, C.; Freire, J.; RODRIGUES, C. (org). Povoamento, catolicismo e escravidão na antiga Macaé (séculos XVII ao XIX). Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- MASSEY, Doreen B. Espacializando a história da modernidade. In: Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. MASSEY, Doreen B. Sentido global do lugar. In ARANTES, A. A. - org. O espaço da diferença. Campinas-SP: Papyrus, 2000; pág. 176-185.
- MARTÍN, M. Macaé, do Eldorado do petróleo à terra do desemprego. El País. Macaé. 10 nov. 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/04/economia/1446645908\\_814221.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/04/economia/1446645908_814221.html). Acesso em: 17 mar. 2021.
- PARADA, Antonio Alvarez. Sessão Colosso. O Debate. Macaé, 14 ago. 1985.
- \_\_\_\_\_. Violência. O Debate. Macaé, 28 set. 1985.
- \_\_\_\_\_. Velhas árvores ausentes. O Debate. Macaé, 26 out. 1985.
- \_\_\_\_\_. Rodas, Votos e Sonhos. O Debate. Macaé, 23 nov. 1985.
- \_\_\_\_\_. Macaé, a ferroviária. O Debate. Macaé, 30 nov. 1985.
- \_\_\_\_\_. O bolo dos royalties. O Debate. Macaé, 14 dez. 1985.
- \_\_\_\_\_. A memória macaense. Jornal da Cidade. Macaé, 22 a 29 jul 1980, p.16. In: FROSSARD, L.; GAVINHO, V. (org.). Tonito: Antonio Alvarez Parada: o fio de uma história. Macaé: Prefeitura de Macaé, 2007.
- SANTOS, Milton. Eventos: Os Nomes, Características, Tipologia. In: SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2006.